

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 1 • 1983

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

A biologia do egoísmo

SACARRÃO, G. F.

Lisboa, Publicações Europa-América, 1981, 162 p.

Assinale-se antes de mais a oportunidade e raridade deste trabalho nos meios científicos portugueses. A «revolução sociobiológica» já arrancou há mais de dez anos e nos nossos meios científicos ainda aparece com ar de «coisa nova».

A análise crítica de um experiente professor de Antropologia constitui um elemento fundamental para lançar o debate. Muitos não terão visto neste estudo mais que um sério alerta («uma travagem a quatro rodas») aos apressados entusiastas da Sociobiologia. G. Sacarrão aponta justamente o sinal vermelho para os extremismos de Burnet, e outros, pela lógica decorrente das suas posições, à tal catalogação genética dos indivíduos, forma mais sofisticada, porque mais «científica», da formalização moderna.

Mas a sociobiologia não se pode limitar nem às suas contrafacções nem às aplicações abusivas que dela façam. G. Sacarrão não pode deixar de reconhecer na obra de E. Wilson (1975) «um marco fundamental na história da Biologia neste século» (p. 31) precisamente por causa da notável contribuição que traz ao «estudo das bases biológicas das sociedades animais» (idem). E Sacarrão afirma explicitamente que não quer retirar a E. Wilson esse mérito. Só que em parte esse mérito é de facto retirado a Wilson pela «Biologia do Egoísmo». Wilson não poderia deixar de escrever aquele capítulo sobre o Homem (cap. 27 — *Man: from Sociobiology to Sociology*, p. 547-575). Concorde-se ou discorde-se dele, a hipótese sociobiológica não poderia deixar de ser aplicada à espécie humana sem

o que nem seria hipótese e menos ainda científica. Regressamos de algum modo à situação de Darwin: a «Origem das Espécies» (1859) não poderia escamotear o aparecimento e evolução da espécie humana, mesmo que isso representasse uma hipotética ameaça aos dizeres bíblicos ou à sociedade estabelecida. Sabemos o que foi o escândalo da época; e também como passado pouco tempo a «heresia» era digerida pelo sistema e o darwinismo servia de suporte «científico» para justificar («cientificamente», entenda-se) a miséria do proletariado britânico face aos «mais aptos» que a seleção natural teria favorecido.

O que está em causa (e que na «Biologia do Egoísmo» parece estar só entre parêntesis) é a metodologia de investigação a partir de uma hipótese científica. As aplicações (abusivas no caso) são acidentes históricos. Se isso é um perigo, pois sinalize-se o perigo mas não se confirme ou infirme a hipótese científica.

Por isso Wilson tinha que escrever o capítulo sobre o Homem que depois explicitou no livro «On human nature» (1978). Um e outro são tentativas (fracassadas?) de entendimento do que G. Sacarrão também tenta à sua maneira no capítulo sobre a natureza humana (p. 132-158) e que tem a ver com a questão fundamental da articulação natureza/cultura na nossa espécie. Fora de reduccionismos gratuitos e de oposições binárias (jogo interessante mas que não leva a nada) estão ainda por explicar, em termos de ciência, os mecanismos pelos quais o Homem é por natureza um animal cultural. Mais que uma «biologia do egoísmo», a hipótese sociobiológica pode constituir um passo importante para o esclarecimento desta matéria.

M. L. Rodrigues de Areia